

Conferências do Teatro encerram 1.ª temporada com uma média de quase 100 pessoas por sessão

Público rendido a “Madeira de A a Z”

CONHECIMENTO

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

«Veio gente de todas as idades, e conseguimos, inclusive, fidelizar um grupo significativo, que não perdeu uma única conferência.», disse ao JM Luísa Paolinelli, da organização.



Na 7.ª e última conferência abordou-se a “Calçada Madeirense” e a “Diáspora”.

João Baptista Pereira da Silva e Rui Carita falaram, ontem, sobre a “Calçada Madeirense” e a “Diáspora”, respetivamente, naquela que foi a última sessão da primeira temporada do projeto “Conferências do Teatro – Madeira de A a Z”, uma iniciativa da Câmara Municipal do Fun-

chal, em parceria com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), a Cátedra Infante Dom Henrique para Estudos Insulares, a Agência de Promoção de Cultura Atlântica, a Universidade da Madeira e o Instituto Cultural dos Açores.

Depois de sete conferências,

realizadas num espaço nobre da Cultura da cidade, Luísa Paolinelli, docente da Universidade da Madeira e coordenadora do polo do CLEPUL na Região, disse ao JM que o balanço satisfaz. E muito. «O que pretendíamos era trazer para mais perto das pessoas aquilo que os investigadores estavam a desenvolver e, por

outro lado, sabíamos que isso era também uma forma de as pessoas nos darem o seu conhecimento, pois, no final de cada conferência, havia sempre espaço para o debate».

O objetivo foi cumprido, mais do que à risca, e sempre com casa cheia. Os números apontam para uma média de 90 pessoas

por sessão, um número que, segundo Luísa Paolinelli, diz muito sobre a curiosidade dos madeirenses relativamente à sua História, ao seu património e à sua identidade. «Veio gente de todas as idades, e conseguimos, inclusive, fidelizar um grupo significativo, que não perdeu uma única conferência, o que nos deixa muito felizes».

A docente afirmou, ainda, que «trazer as Conferências para o Teatro foi quase como fazê-las regressar à sua casa original» e não esquece o «carinho notável» com que toda a equipa do Baltazar Dias acolheu o projeto e os seus intervenientes.

De resto, João Baptista Pereira da Silva e Rui Carita não podiam ter sido mais eloquentes nas suas exposições. O primeiro, falando sobre «esta praia a céu aberto no meio da cidade», referindo-se à calçada madeirense, aos mais de mil seixos que a compõem e aos seus símbolos, e, o segundo, esmiuçando as várias migrações das gentes da terra, um movimento que, de acordo com Luísa Paolinelli, «fez com que a ilha não tivesse esta forma de cão deitado, como dizia Herberto Helder, mas antes fosse uma ilha a “saltitar” por esse mundo fora».

A despedida das Conferências do Teatro é, na verdade, um “até já”, uma vez que o regresso ao palco acontece no próximo mês de setembro. O Sebastianismo, os Navios do Porto do Funchal e a Prostituição são as temáticas que vão abrir a nova temporada “Madeira de A a Z”. JM